

foste sempre tu  
série irmãos bergman – livro 2  
chloe liese

Tradução de Joana Honrado

*Para os que não se adaptam.  
Vocês são perfeitos como são. Vocês pertencem.  
Sempre.*



NOTA SOBRE O  
*conteúdo*



**\*INCLUI SPOILERS\***

**E**ste é um romance que descreve explicitamente relações sexuais consentidas. Esta história inclui uma personagem principal com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) e artrite reumatoide (AR), uma doença crónica. À luz da minha própria experiência, bem como com a ajuda da autenticidade e do *feedback* de leitores, espero ter dado a estes temas o respeito e cuidado que merecem.



«Precisa ter paciência... Se quiser, pode dar ao que  
precisa um nome mais fascinante: esperança, por exemplo.»<sup>1</sup>  
JANE AUSTEN, *Sensibilidade e Bom Senso*

---

<sup>1</sup> Austen, Jane (1813). *Sensibilidade e Bom Senso* (trad. Lúcia Nogueira). 1ª ed., janeiro de 2022, Book Cover Editora. (N. de T.)



CAPÍTULO 1

# Frankie



**Playlist: *Better By Myself, Hey Violet***

**R**en Bergman está sempre demasiado feliz. Nos três anos que o conheço, só o vi não sorrir *duas vezes*. A primeira, quando ele estava inconsciente no gelo, por isso creio que dificilmente conta; a segunda, quando uma fã maluca abriu caminho na multidão, gritando que tinha tatuado o rosto de Ren nas suas partes íntimas, porque, e passo a citar, «Uma rapariga pode sonhar».

Mas exceto nessas duas sinistras ocasiões atípicas, Ren sempre foi um raio de sol desde o momento em que o conheci. E embora eu tenha consciência de que sou um pouco macambúzia, vejo que a gentileza extrema de Ren torna o meu trabalho fácil.

Sendo a gestora de redes sociais dos Los Angeles Kings, o meu trabalho exige muito de mim. Os jogadores de hóquei, como já devem ter ouvido dizer, nem sempre são os humanos mais bem-comportados. O facto de receberem milhares de dólares para jogar um jogo que adoram, e em que, ao mesmo tempo, despertam a criança que têm dentro de si, é algo que lhes aumenta o ego. *Pancadaria. Tareia. Empurrões.*

Com a maré de sorte, vem o mérito e elogios de muitas mulheres à mão de semear — se bem que isso não melhora a situação. Sim, estou ciente de que são muitas palavras começadas por «M». Vá, processem-me, mas eu gosto de aliteração.

Enquanto o departamento de RP tem o maravilhoso privilégio de abafar



o furor causado pelo vazamento de imagens, eu estou diariamente no terreno a fomentar a presença da nossa equipa nas redes sociais. Colada à equipa, com o *iPhone* na mão, faço com que os jogadores se aproximem dos fãs, promovendo o falatório autorizado pelas RP — entrevistas informais, piadas, partidas inofensivas, fotografias em eventos, prendas, até mesmo os *memes* virais ocasionais.

Também preparo participações informais de caridade dos nossos fãs mais sub-representados. Não é uma função que faça parte da descrição do meu trabalho, mas sou uma grande defensora da quebra do estigma à volta das diferenças que tendemos a ostracizar, por isso enveredei por esse processo. Não quero apenas tornar a nossa equipa de hóquei mais acessível aos seus fãs; quero que sejamos uma equipa que guia os seus fãs no próprio avanço na acessibilidade.

Isto faz-me parecer uma querida, não é? Mas a verdade é que ninguém da equipa me chamaria isso. De facto, a minha reputação é bem diferente: Frank Resmungona. E embora esta má reputação se tenha construído através de verdades parciais e de mal-entendidos gigantes, aceitei a alcunha e assumo-a. No fim de contas, facilita a vida a toda a gente.

Faço o meu trabalho com cara de má. Sou direta, totalmente focada. Gosto das minhas rotinas, concentro-me no meu trabalho, e faço por não me aproximar dos jogadores. Sim, até nos damos bem, por norma. Mas tem de se estabelecer limites quando se é uma mulher que acompanha, constantemente, meia dúzia de atletas masculinos imbuídos de testosterona — atletas que sabem que estou sempre disponível, mas que também sabem que a Frankie é uma nuvem carregada da qual não se devem aproximar, a não ser que queiram levar com um trovão em cima.

Tal como as nuvens de chuva e os raios de sol partilham o céu, eu e Ren trabalhamos bem juntos. Sempre que as RP têm uma ideia bombástica e eu descubro um *home-run* nas redes sociais — perdoem-me as metáforas desportivas —, Ren está sempre lá.

*Sketches* teatrais no balneário para angariar dinheiro para cursos de desporto na cidade? Lá está Ren e o seu sorriso eletrizante, dizendo as suas frases com um charme descontraído. Sessão fotográfica para o angariador de fundos do abrigo de animais local? Eis Ren às gargalhadas enquanto os gatinhos escalam para os seus ombros largos e os cãesinhos ganem para o chamar à atenção, lambendo-lhe o queixo, e Ren mostra-lhes o seu sorriso amplo e caloroso.

Às vezes, fico com o estômago às voltas. Ainda me sinto pouco à vontade quando me recordo daquela vez em que Ren se sentou junto de uma jovem doente com cancro. Ficando branco como a cal, dado o seu medo de agulhas,

ele contou-lhe as piadas mais secas enquanto doava sangue e faziam análises à jovem. Para que fossem corajosos juntos.

É de deixar em êxtase o público feminino.

Não me devia queixar. Não devia. Porque, na verdade, o homem é uma máquina de marcar golos, sorridente, e é um borracho bem-disposto com um metro e noventa, que torna o meu trabalho muito mais fácil do que seria esperado. Mas uma rabugenta como eu não aguenta tantos raios de sol. E, durante três anos, Ren tem testado o meu limite.

No balneário, olho concentrada para o meu telemóvel, lidando com um *troll* idiota na página do Twitter da equipa, enquanto serpenteio pela confusão de homens meio nus. Já os vi milhares de vezes, e não quero mesmo saber...

— Uff! — grunho, quando a minha cara esbarra contra um peito liso e rijo.

— Desculpa, Frankie. — Mãos fortes seguram-me firmemente pelos ombros. É a felicidade em pessoa, Ren Bergman. Só que, desta vez, ele está sem camisa vestida, o que nunca acontece. Ele é o mais recatado de todos.

Até sou alta, o que coloca o meu olhar na linha dos músculos peitorais esculpidos-em-pedra de Ren. E dos mamilos rasos e escuros, que se arrepiam quando o ar frio entra em contacto com a sua pele. Tento desviar os olhos, mas eles têm vontade própria, fitando mais para baixo até aos seis, não, oito, não... porra, ele tem *muitos* abdominais.

Engulo com tanta força que faz eco no balneário.

— N-não faz mal.

Ora, ora, olá, voz rouca e *sexy*.

Tusso e afasto os meus olhos do seu corpo.

— Não há problema — digo-lhe. — A culpa foi minha. — Ergo o telemóvel e agito-o. — É o que acontece quando ando por aí com o nariz enfiado no Twitter.

Ren sorri, o que mexe ainda mais com a minha disposição. A quantidade de dopamina que o cérebro deste homem produz por dia é, provavelmente, a que eu produzo por ano.

Ele passa a mão na sua barba de *play-off*<sup>2</sup> por fazer, e, depois, esfrega a parte de trás do pescoço, espreguiçando-se. Ao longo dos últimos anos, aprendi que este é o seu tique nervoso. O seu bíceps sobressai, um ombro redondo flexiona, e eu tento não fitar o seu dorso definido, que confere uma forma em V à parte superior do seu corpo, modelando as suas costelas e uma cintura larga e bem constituída.

---

<sup>2</sup> Tradição iniciada pelos jogadores de hóquei no gelo, na qual não fazem a barba durante os *play-offs*. (N. de T.)

O deleite visual resulta num pequeno curto-circuito temporário, limpando os meus pensamentos e deixando apenas duas palavras.

*Ena. Músculos.*

Enquanto os restantes membros da equipa são praticamente nudistas, Ren desaparece sempre para tomar duche e regressa a arrasar com um fato, camisa imaculada e gravata. Nunca vi tanta nudez quanto esta de Ren Bergman. Nunca.

E estou embasbacada.

— Estás bastante despido — balbucio.

Ele cora e deixa cair a mão para o lado.

— Verdade. — Aproximando-se, levanta uma sobranceira e diz em jeito de conspiração: — Este é um balneário, caso não saibas.

Resisto à forte tentação de lhe torcer o mamilo.

— Não respingues, Bergman. Não tinha acabado. — Dou um passo atrás, porque, Nossa Senhora, este homem cheira mesmo bem. Sabonete e algo forte também. Sedutoramente masculino. — *Normalmente*, não andas por aí nu como...

Kris irrompe totalmente nu no balneário com um grito agudo, chicoteando Ren com a toalha na brincadeira quando passa por ele. Levanto uma mão na direção do palerma.

— O Schar veio comprovar o que eu estava a dizer.

Ren cora mais e desvia o olhar.

— Tens razão. Não costumo andar assim. Apenas me esqueci de uma coisa de que precisava.

— Esqueceste-te do quê? O teu fato está mesmo ali. — Consigo vê-lo daqui, pendurado ao pé dos chuveiros. Esperto. Os vapores de ar quente tiram os vincos.

Raios partam, agora estou a pensar em Ren a tomar duches vaporosos.

— Bem, hã... — diz ele. — Eu esqueci-me do que uso *por baixo* do fato.

— Oh.

As minhas bochechas aquecem. Meu Deus. Claro. Ele esqueceu-se dos boxers — *ohh, ou talvez cuecas?* Tenho de parar de pensar nisto — e eu estou aqui a retê-lo como a Inquisição Espanhola.

Como se conseguisse ler os meus pensamentos indecentes, Ren fixa-me com os seus olhos intensos quase artificiais... como os de um gato, e claros como o gelo em que ele patina.

— Vou buscá-los, então...

— Boa ideia. — Dou um passo para o lado, e Ren faz o mesmo. Ambos nos rimos embaraçados. Depois, quando Ren tenta ir para o outro lado, eu

também vou. — Jesus — murmuro. Que humilhante. Se se abrisse um buraco no chão e me engolisse, este momento ficaria muito melhor.

— Pronto. — As mãos de Ren pousam outra vez nos meus ombros, mas de forma gentil, ao contrário dos restantes tipos da equipa, que parecem ser incapazes de não me darem encontrões como se fossem o Hulk. Enquanto eu me encolho mesmo antes de ir contra eles, há algo em Ren que é delicado e controlado.

— Eu vou por aqui — diz ele. — Tu vais por ali.

Tal como uma porta giratória, conseguimos, por fim, seguir caminhos diferentes. Assim que Ren se afasta, gostava de poder dizer que não o observo por cima do ombro para comer com os olhos aquilo que a toalha do balneário contorna, mas não tenho o hábito de mentir.

— Fraaaaankie — grita uma voz irritante.

É Matt Maddox. O *yin* malvado para o *yang* de bondade pura de Ren.

— Deus, dai-me forças — murmuro.

Na nossa pequena metáfora da natureza, na qual eu sou uma nuvem carregada e Ren é o Sol, Matt é o vapor sulfúrico de uma fonte termal do qual toda a gente foge. Ren é caloroso e sempre cavalheiresco. Matt, pelo contrário, é, resumidamente, um desastre natural da estupidez com nota máxima.

Matt atravessa o balneário e aproxima-se de mim, não pela primeira vez. Não por muito tempo.

Previendo o impacto, guardo o telemóvel no bolso e preparo-me para respirar pela boca. Estou habituada ao fedor do nosso balneário, porém, em dias de pós-jogo, os tipos cheiram ainda pior, e eu tenho um olfato sensível. São muitas as vezes em que tenho vômitos.

Deslizando um braço malcheiroso à minha volta, Matt percorre todo o meu corpo com o olhar. Cerro o maxilar e tento não fazer uma careta.

— Onde está o teu telemóvel? — diz ele. — Acho que precisamos de uma *selfie*, Frank.

Esquivo-me e afasto-me, longe do seu alcance.

— E *eu* acho que precisas de um duche. Tu fazes o teu trabalho, Maddox. Eu faço o meu.

Ele afasta o cabelo escuro suado do rosto e suspira.

— Um dia destes, vou fazer com que te abras.

— Sou uma noz dura, campeão. — Virando-me, pego no telemóvel, abro a câmara e coloco-o por cima da minha cabeça para cortar Matt e apanhar a malta atrás de mim. Já ninguém está num estado de nudez excessiva... alguns peitorais à mostra, mas a maior parte deles já se vestiu. Os fãs devoram isto.

— Sorriam, rapazes!

Todos eles voltam a cabeça para mim, esboçando sorrisos obedientes enquanto dizem:

— Olha o passarinho!

Treinei-os tão bem.

— Obrigada. — Guardo o telemóvel e dirijo-me para a saída. — Não se esqueçam, bebidas, não em excesso, e hambúrgueres no Louie's. Peçam um Uber se pretenderem ficar bêbedos.

Com um coro de «Sim, Frankie» a ecoar atrás de mim, empurro a porta, fluando com a sensação de propósito cumprido de uma mulher cuja vida é organizada e previsível. Tal como gosto.

No Louie's, tiro o meu *blazer* e arregajo as mangas, preparando-me para comer o que pedi. Fatos e comida gordurosa não são a melhor combinação, mas nunca há tempo para trocar de roupa antes de sairmos, depois das minhas obrigações após os jogos, por isso fico com a minha roupa de trabalho normal.

Tal como o resto do *staff* e dos jogadores, uso um fato em dias de jogo. O mesmo, em todos os jogos. *Blazer* estilo *peplum* preto, calças compridas largas pelo tornozelo a condizer, e uma camisa branca com botões pretos. As minhas calças rentes mostram as sapatilhas *Nike Cortez* com as nossas cores preto e prateado, e as minhas unhas, como é óbvio, estão pintadas com o preto brilhante habitual, com um toque de brilho prateado no dedo do meio, porque mostrar o dedo às pessoas parece mais festivo. Toda a aparência é muito Wednesday Addams, com um efeito repelente semelhante e intencional. As pessoas não se metem comigo. Que é como eu gosto.

— *Double cheeseburger* — diz Joe, o nosso *barman*.

— Obrigada. — Aceno e aceito o prato.

Uma coisa boa do Louie's é que eles dão prioridade aos nossos pedidos — um grupo de gajos esfomeados precisa imediatamente de comida depois de um jogo —, por isso nem dez minutos passaram desde que cheguei e já estou de mangas enroladas, e a gordura jorra pelos meus pulsos quando mordo o hambúrguer. Seguro-o por cima do prato e baixo a cabeça para agarrar a palhinha da bebida com a boca, dando um longo trago de cerveja preta.

Louie's é uma daquelas tasquinhas de ouro entre as hamburguerias em LA, que parecem ser cada vez mais raras a cada ano que passa. Juro, mesmo há quatro anos, quando me mudei para cá, LA ainda era a terra dos hambúrgueres gordurosos e da melhor comida de rua do mundo. Agora, é só lojas de sumos e qualquer local da treta que te vai fazer perder barriga recomendada pela GOOP.

A cerveja preta efervesce alegremente no meu estômago, e eu retiro um picle do meu hambúrguer e dou-lhe uma trinca.

— A vida é demasiado curta para pôr os hambúrgueres de lado.

Willa resmunga em concordância do lugar ao meu lado. Ela namora o irmão de Ren, Ryder, e eles tentam vir a uma meia dúzia de jogos por época, por isso esta não é a primeira vez que eu e Willa falamos, mas é a primeira vez que estreitamos laços devido ao triste rumo que a comida saudável do Sul da Califórnia tomou. Ou, mais precisamente, eu tenho estado a fazer um monólogo sobre isso nos últimos cinco minutos, enquanto ela grunhe e come e parece concordar comigo. Tendo a fixar-me num tema, e depois falo sobre ele mais tempo do que a maioria das pessoas, e já percebi que isso as aborrece por vezes, mas também há casos em que consigo gerar interesse.

Infelizmente, eu apenas vejo que me estiquei no monólogo retrospectivamente. É verdade, não estou a inventar. Não consigo saber quando o faço. Toda a gente sabe que «o tempo voa quando te estás a divertir», e que essa é a única maneira de explicar como a minha atenção funciona quando me deixo levar ao falar sobre algo de que gosto — e não faço ideia de quanto tempo passou.

Sendo que esta não é a primeira vez que estou com Willa, sei que já temos algum à-vontade, por isso ela poderia mandar-me calar ou mudar de assunto se quisesse. Ainda só saímos algumas vezes, e visto que ela é jogadora profissional, é bastante ocupada, mas demo-nos bem nos jogos em que ela e Ryder apareceram.

— Santos hambúrgueres — diz de boca cheia. — Nunca conseguiria desistir deles. Sei que a treinadora me dava um tiro por comer isto, mas, meu Deus, não há nada melhor do que um *double cheeseburger* depois de um longo dia. Não quero saber qual é a minha pegada de carbono. Matem essa vaca e metam-ma na barriga.

Ryder afasta-se da sua conversa contígua à nossa e diz-lhe:

— Vou deixar passar esse comentário ambientalmente insensível, porque beijas bem, *Sunshine*, e eu cozinho à base de plantas para nós cerca de oitenta por cento do tempo.

Acanhada, Willa sorri-lhe.

— Às vezes, gostava que essas engenhocas à volta das tuas orelhas não funcionassem *assim* tão bem, Ry.

Ryder usa aparelhos auditivos, que mal consigo ver debaixo do seu espesso cabelo loiro. Tal como Ren, Ryder é um homem bonito. Barba curta, olhos verdes brilhantes, e tem as maçãs do rosto de Ren.

Willa e Ryder vivem no estado de Washington, onde Willa joga pelo

Reign FC, e a casa deles fica escondida no meio da floresta. Olhando para eles, conseguimos ver essa imagem na perfeição. Ryder emana uma aura de vida ao ar livre com a sua camisa de flanela lisa, *jeans* gastas e botas. Willa encaixa nesse estilo com roupas quentes e práticas — um *hoodie* da UCLA e *jeans* rasgadas do joelho para cima, sem vestígios de maquilhagem que acentuem os seus grandes olhos cor de âmbar e lábios volumosos. Ela tem um cabelo incrível com ondas e caracóis indomáveis, sem produtos, sem qualquer estilo. Apenas beleza selvagem.

Willa é tanto *au naturel* por dentro como por fora, e é o tipo de pessoa de que gosto. Por norma, dou-me bem com pessoas cuja mentalidade é «o que vês é o que tens», e, dessa forma, Willa é parecida com as minhas duas grandes amigas em LA, Annie e Lo. Tenho dificuldade em fazer amigos, mas sinto que estou a ficar amiga da pés-assentes-na-terra e amante de hambúrgueres Willa Sutter.

Ryder faz-lhe uma careta, o que leva Willa a sorrir ainda mais. Deixo cair o meu hambúrguer no prato com espalhafato e espeto uma batata frita no *ketchup*.

— Deus do Céu. Beijem-se logo.

Ryder ri-se. Deposita um beijo na têmpora de Willa e volta à conversa em que estava com o círculo de homens, composto por Ren, Rob, o nosso capitão, François, o nosso goleador, e Lin, o defesa novato promissor.

— Desculpa lá. — As bochechas de Willa enrubescem enquanto bebe a sua limonada. — Ainda estamos na fase gosto-mesmo-de-ti-e-quero-sempre-saltar-te-para-cima.

Aceno com uma batata na mão.

— Eu é que devo pedir desculpa. O meu cérebro é um sítio sem filtros. Grande parte do que pensa costuma sair disparada pela minha boca. Não queria ser rude. Estás apaixonada e feliz. Nada de que te devas desculpar.

Willa sorri e agarra no seu hambúrguer.

— Obrigada. Quer dizer, antes achava nojento quando via as pessoas tão apaixonadas em público. Sempre pensei «é assim *tão* difícil aguentarem-se fora de casa?». — Dá uma grande dentada no hambúrguer e diz: — Depois conheci o Ryder e percebi, sim, que com a pessoa certa, é mesmo difícil.

Fico com o hambúrguer preso na garganta. Mas que possibilidade aterrozadora de se estar tão atraída por alguém que não se consegue *não* o amar. Tento sorrir para lhe mostrar que estou bem, mas a minha cara não consegue fingir. Sempre que tento, acabo por dar a impressão de que estou prestes a vomitar.

Willa ri-se.

— Parece que eu te disse que tens merda de cão no hambúrguer.

*Bingo.*

Pigarreio, por fim, e olho para a minha comida.

— Eu, hã... — A minha opinião sobre relações é difícil de explicar. E embora eu goste de Willa, não é algo de que me apeteça falar com ela.

Ela dá-me um pequeno toque com o cotovelo.

— Ei, estou só a brincar contigo. — Inclinando a cabeça, ela fita-me durante um longo minuto. — Não és fã de relações?

Abano a cabeça e depois dou uma pequena dentada na minha comida.

— Não, não sou. Nada contra. Apenas não são para mim.

— Pois. Eu própria também era contra elas quando conheci o lenhador. — Ela aponta com o polegar por cima do ombro na direção do grupo de homens em que Ryder está. Ren ri-se de algo que ele diz, fazendo-o rir também.

Vistos de perfil, são quase gémeos, exceto que tudo em Ren grita para que eu olhe para ele. Ondas castanho-avermelhadas indisciplinadas, nariz longo, maçãs de rosto definidas. Mantém aquela barba de *play-off* apresentável, por isso consigo ver os seus lábios grossos que se curvam numa expressão sarcástica. Os seus olhos enrugam-se quando se ri, e ele tem o hábito de colocar a mão no peito e curvar-se ligeiramente, como se a capacidade de alguém em diverti-lo o atingisse em cheio no coração.

Tão feliz. Tão despreocupado. Como será viver a vida assim? Tão livre de fardos?

Não faço ideia. Nos últimos relacionamentos, *eu tenho* sido o fardo. Muitas questões por resolver, complicações para digerir. No sítio onde vivia, as pessoas tratavam-me como um problema, não como uma pessoa. E, por isso, chego a duas conclusões. A primeira, de que era altura de me mudar, e a segunda, para me proteger da repetição dessa humilhação, que o meu coração ficaria melhor só e a salvo se fechado a sete chaves.

Então, uso preto. Não sorrio. Escondo-me atrás de uma cortina pesada de cabelo escuro e de uma lista de afazeres longa. Aceito as metáforas de bruxa, e ando com um semblante carregado e carrancudo em resposta sempre que possível. Não sou amiga de vizinhos, nem vou a piqueniques de equipa. Resguardo-me na minha solidão, frieza e distância.

Por uma maldita boa razão. Nunca voltarei a ser tratada como antes.

Willa toca gentilmente na minha mão e depois mete uma batata na boca.

— Queres saber o que me fez mudar de ideias?

Ergo o olhar para ela.

— Não.

Isto fá-la rir novamente.



- Ah, Frankie. És das que levam a coisa a sério. A Rooney vai adorar-te.
- Rooney?
- A minha melhor amiga da universidade. Ela está agora em Stanford.

Direito Biomédico.

Proeza rara em mim, consigo morder a língua e não mencionar os meus planos para a Faculdade de Direito. Sim, candidatei-me à UCLA há meses. Sim, atormentei-me e empenhei-me na minha candidatura, e tenho a certeza de que está perfeita. Mas ainda não recebi a carta de aceitação.

Mantenho a boca fechada e bebo cerveja.

— Um da prole Bergman vai fazer anos em breve — diz Willa. Daquilo de que me consigo lembrar sobre o que ele disse sobre a sua família, Ren tem um número de irmãos assustador, e a maioria vive por perto. Ele é um dos raros atletas que calhou ficar na sua cidade e da qual nunca quer sair. O que, para esta ex-habitante de Nova Iorque que atravessou o país por vontade própria, é de bradar aos céus.

— Será a Ziggy? — Willa olha para o teto, consultando um género de calendário mental. — Sim, acho que a Ziggy é a próxima. Desde que o Ry e eu começámos a andar, especialmente desde que nos mudámos para Tacoma, a Rooney começou a vir a todas as festas da família Bergman para aproveitar mais tempo para me ver e manter a conversa em dia. Ela é uma filha única extrovertida, por isso apaixonou-se pela família Bergman, e agora é uma Bergman honorária. Vem à festa da Ziggy e irás conhecer a Rooney.

Engasgo-me com a minha bebida.

— Oh, eu não sei porque iria.

Willa dá pancadinhas nas minhas costas.

— Porque eu te convidei. Preciso de solidariedade nestas coisas, Frankie. Todos os Bergman, até Rooney... nenhum deles é mal-humorado ou desajeitado. Não como eu e tu.

— Obrigada?

— Preciso de uma alma gémea embirrenta. A sério, aparece na próxima vez. Tu e o Ren são amigos. A mãe dele está sempre a chateá-lo para ele levar uma mulher. Tenho a certeza de que ele iria gostar que fosses.

Há partes tão estonteantes naquilo que ela acabou de dizer que eu fique sem palavras. Desvio o olhar, remexendo as batatas no prato.

Willa retorna à sua comida, mas pausa antes de dar outra dentada.

— Já agora, de uma alma rabugenta para outra, se alguma vez encontras alguém que te faça querer reconsiderar a tua posição sobre relações, estou aqui para ti, OK? Basta dizeres.

CAPÍTULO 2

# Frankie



*Playlist: How to Be a Heartbreaker, MARINA*

**A**ntes de eu conseguir responder ao convite inquietante de Willa, Matt, o Mestre da Malícia Imbecil, senta-se no lugar ao meu lado no bar. Consigo sentir o cheiro a cerveja vindo dele.

Esticando-se mesmo à minha frente, Matt estende a mão a Willa.

— És a estrela de futebol. A cunhada do Renford — balbucia ele.

— Não exatamente. Só Willa. — Aperta-lhe a mão, mas rapidamente a tira e limpa nas *jeans* por baixo do bar.

O braço de Matt aterra com força em volta dos meus ombros, quase me empurrando para cima da comida.

— Frank, Frank, Frank, Frank. — Suspira. — Quando é que vais parar com o ato de rainha do gelo?

Endireito-me e tento libertar-me do seu braço, mas ele aperta-me com mais força.

— Frank — diz ele. — Ambos sabemos que há algo aqui...

— Matt. Tira o braço de cima de mim, ou desfaço as tuas bolas com a Varinha de Sabugueiro.

Nomeei a minha bengala como Varinha de Sabugueiro.

Sim, tenho vinte e seis anos e uso uma bengala. Parece vidro fumado, mas, na verdade, é acrílico e é totalmente fixe. Também é ótima para esmurrar idiotas como Maddox nos tomates.

Matt deixa cair o braço e franze o sobrolho.

— Não te entendo. És tão ambígua.

— Não, não sou, Matt. Sou tão gélida quanto uma arca congeladora topo de gama. Não tentes dizer o contrário. Lá porque sou uma mulher que está regularmente perto de ti e que não é louca por ti como as muitas almas perturbadas que compram as tuas coquilhas no eBay, não significa que queira secretamente ir para a cama contigo na próxima semana.

Matt mostra-se carrancudo.

— Não queres?

— Não.

— Mas que raios, Frank? — grita. Alto o suficiente para que todos os que partilham o espaço connosco parem de falar durante um segundo e olhem para nós.

— Matt, acho que devias pedir um Uber agora.

— Vim de carro — resmoneia, fazendo sinal para Joe.

Vendo Matt chamá-lo, Joe vem na nossa direção. Quando nos entreolhamos e eu abano ligeiramente a cabeça, Joe detém-se, vira-se e volta à tarefa de lavar copos.

Matt pragueja para si.

— Acabaste de me dar uma tampa, Frank?

— Sim. — Viro-me e sorrio para Willa como quem pede desculpa, e ignoro Matt. Pego no meu copo e bebo um pouco de cerveja.

— Frank. — Ele agarra o meu pulso, o que faz com que a cerveja voe da minha mão e suje a minha camisa com um salpico gelado.

Sibilo com o choque.

— Jesus, Maddox.

De repente, uma mão grande puxa Matt pela camisa e arranca-o com tanta força do banco do bar que ele cai no chão. Ren curva-se, limpa-me o *blazer*, que também caiu, e atira-o de imediato para cima dos meus ombros. Quando ele se endireita, fico boquiaberta.

Ren Bergman não está *de todo* a sorrir.

E Ren Bergman não-sorridente é um animal muito diferente. Não, *homem*.

Desvia-te, Erik, o Vermelho. Há um novo viking ruivo enraivecido pronto a matar, e Deus me ajude, cabelos cor de canela são a minha fraqueza. Tenho acreditado que as luzes fluorescentes sob as quais trabalhamos têm deixado o cabelo de Ren num tom de bronze lustroso. Sempre que o vejo, digo a mim mesma que ele não é, realmente, um deus *ruivo* glorioso de hóquei no gelo. É um deus loiro-acobreado glorioso de hóquei no gelo. Ajudou.

Um pouco.

Mas, agora, tenho de enfrentar os factos: o cabelo de Ren é o cobre bonito de um pôr do sol, e a raiva que irradia dele é igualmente de cortar a respiração.

Olho de boca aberta para ele, Ren, o Vermelho, com um olhar vingativo sensual, e ordeno ao meu maxilar que se feche. É hora de encontrar a minha feminista interior. Acolchoar as minhas paredes. Não devia ficar tão afetada por Ren desafiar alguém por minha causa. Especialmente dada a minha história.

*Demonstrações masculinas de proteção arcaicas não são sensuais. Demonstrações masculinas de proteção arcaicas não são sensuais. Demonstrações...*

Porra, isto é sensual, e o meu corpo sabe disso. Não consigo negá-lo, assim como não consigo negar o facto de as minhas cuecas do Harry Potter estarem tão molhadas quanto um dia de chuva em Hogwarts. Ren dirige os seus olhos claros, cinzento-azulados gélidos deslumbrantes, a Maddox. Fita-o com uma fúria fria, e, depois, olha para mim.

— Joey, uma toalha, por favor. — A sua voz carrega um tom de ordem que já ouvi Ren usar imensas vezes dentro do rinque, mas nunca numa situação em que eu estivesse envolvida. A minha barriga dá uma cambalhota enquanto vejo uma toalha voar na sua direção, antes de ele me entregar. — Toma.

— O-obrigada — murmuro feita estúpida, limpando a frente da minha camisa. Já estou com arrepios por causa do tecido gelado colado à minha pele.

De forma abrupta, Ren cambaleia para cima do balcão. Olho para cima e percebo que Matt foi contra ele.

— Maddox — digo rudemente. — Para!

Ren dá-lhe um empurrão, gira e agarra no pescoço de Matt com destreza.

— Que *tortura* de merda que lhe fazes. Chega. Deixa-a em paz.

Uau. Ren nunca diz um palavrão. Bem, não desta forma, pelo menos não em público ou com a equipa. As pragas isabelinas são mais a sua onda. *Clandestino. Malevolência. Miserável.*<sup>3</sup> É subtil quando as diz, murmurando-as para si, mas eu tenho uma audição excecionalmente boa, e desde que dei conta na primeira vez, estou sempre de ouvidos atentos ao pé dele, contando ouvir mais.

A pior parte? Ele é bom nisso. Tipo, tenho de fingir que me engasgo e tusso sempre que ele abre a boca, ou corro o risco de soltar uma gargalhada, talvez até sorrir, e, depois, a minha reputação de rainha do gelo durona vai à vida.

Ren ainda está a apertar a garganta de Matt. Talvez seja tempo de intervir

---

<sup>3</sup> No original *Hugger-mugger*, *Malignancy* e *Canker-blossom*, respetivamente, expressões utilizadas por Shakespeare. (N. de T.)

antes que o nosso jogador mais valioso seja castigado a ficar no banco por mau comportamento.

— O cavalheirismo é desnecessário, Bergman — digo-lhe. Levantando-me lentamente do banco do bar, engulo um gemido quando as minhas ancas gritam em desaprovação.

*Nós não gostamos de bancos altos, Frankie*, berram as minhas articulações. *Tu sabes disto.*

Pouso a mão no antebraço de Ren e tento ignorar os seus pelos macios, o tendão saliente e o músculo que flexiona debaixo do meu toque.

— Por favor, Ren. Ele está bêbedo. Não vale a pena.

— Oh, valeria a pena. — Ren fita Matt e abana-o pela traqueia. — Aprenderia a lição se lhe desse uma sova.

— Ora viva. — Rob aparece.

Suspiro de alívio.

— Onde é que estiveste?

— Tive de dar uma mijá. — Rob consegue afastar a mão de Ren da garganta de Matt. — Um gajo não pode ir mijar sem que as crianças se tentem matar uma à outra? Ren Bergman, recorrendo à violência. Nunca pensei ver o dia. Tenho a certeza de que o Maddox merece qualquer que seja a coisa que ias fazer, mas vamos tratar disto como adultos.

Matt olha-o de esquelha.

— O Bergman está só com ciúmes.

Esfrego o ponto tenso entre os meus olhos.

— *Ciúmes* implicaria que ele tinha algo para invejar entre nós, Maddox. — Ou que Ren quisesse sequer saber quem namorisca ou não comigo. Porque quereria?

— Agora, Matthew. — Rob coloca a mão à volta do pescoço de Matt e puxa-o para o lado. — Vais apanhar um Uber para casa. Vais recuperar a sobriedade. Depois, amanhã, no treino, vais pedir desculpa à Frankie.

Rob olha para mim e franze o sobrolho. Nas primeiras vezes que ele fez isto depois de eu começar a trabalhar no clube, pensei que estava zangado comigo. Isso é porque eu sou uma porcaria a ler expressões faciais.

Como, perguntam-me, é que alguém com este tipo de complexos interpessoais trabalha com redes sociais? Vejo o máximo de entrevistas desportivas e *sitcoms* possíveis para memorizar o contexto e significado de muitos comportamentos humanos, é o que faço. Mas, por vezes, nem isso chega, e eu fico às cegas. Aí, tenho simplesmente de perguntar. Que foi o que tive de fazer com Rob. Agora sei que esta expressão em particular é uma avaliação não-verbal.

— Estou bem — digo-lhe.

Ele acena e dá um puxão a Matt. Ren ainda está a olhar na direção deles à medida que desaparecem no corredor de trás. Quando se vira e olha para mim, cravando-me com os seus olhos claros, sinto um arrepio subir pela minha coluna.

— Está tudo bem? — pergunta calmamente. A sua voz é grave, agradável.

— Estou ótima, Ren. — Tirando as minhas cuecas do Harry Potter ensopadas. E os meus limites emocionais destruídos, depois de ter visto o seu alter ego irritado e inflamado, que fez com que recantos esquecidos meus ressuscitassem.

Encostando-me ao banco, alcanço a minha carteira e faço sinal a Joe de que quero pagar. Ren continua a observar-me. Sinto o seu olhar aquecer a minha pele como um raio de sol.

— Estás a olhar para mim.

Ren desvia o olhar.

— Desculpa. Estou só... preocupado.

— Preocupado?

— Ele agarrou-te, derramou a tua bebida em cima de ti.

— Obrigada. — Passo uma mão na minha frente molhada. — Não tinha reparado.

Levando uma mão ao seu cabelo em frustração, Ren aperta as pontas onduladas.

— Ele podia ter-te magoado.

Faço deslizar o meu cartão no balcão para Joe e olho para Ren. Normalmente, as pessoas assumem que eu sou impotente, mais ainda quando um atleta bêbedo atiradiço e grande se atravessa no meu caminho. E aqui está Ren, referindo essa vulnerabilidade física. É aqui que a vergonha e raiva habituais costumam aparecer.

Mas isso não acontece.

Porque enquanto Ren olha para mim, enquanto processo as suas palavras, não me lembro de um único momento em que Ren agiu ou falou como se pensasse que eu não conseguia cuidar de mim própria. Ele nunca se colocou atrás de mim como se eu fosse dar um trambolhão. Ele não fala comigo como se eu fosse uma inválida. Dizer que Maddox podia ter-me magoado não é um reflexo da minha fraqueza. É uma acusação contra o abuso de força de Matt.

Ren prende o olhar no meu. O coração pesa-me entre as costelas e a minha garganta fica seca.

É demasiado. Desvio o olhar e, quando volto a observá-lo, os olhos de

Ren mudaram, finalmente, mas para a minha boca. Uma onda de calor queima-me os lábios, desce pela minha garganta e aterra, quente, na barriga.

A mão de alguém toca nas minhas costas, quebrando o momento. Não conheço Willa bem o suficiente para ler o seu rosto, mas, felizmente, ela fala antes de eu ficar a indagar-me.

— Contava ver-te a usar a Varinha de Sabugueiro — diz ela. — Tudo bem?

— Não és a única desiludida. Aquele gajo já devia ter levado um pontapé na pila. — Agradeço a Joe quando ele volta com o meu cartão e talão, que assino de forma floreada. — Mas, sim, estou bem. Apenas cansada. Devia ir para casa.

Não que tenha a certeza de como isso irá acontecer. Por norma, conduzo para todo o lado e oiço audiolivros para aguentar o tempo assombroso que passo no trânsito de LA. Contudo, a luz do motor acendeu ontem, por isso o carro está na oficina. Rob trouxe-me ao Louie's e acredito que iria, de bom grado, deixar-me em casa também, mas ele ainda está a lidar com Maddox, o que significa que terei de esperar, ou ir de boleia com outra pessoa. Não faço viagens de táxi sozinha tão tarde.

— Frankie — diz Ren. — Deixa-me levar-te a casa.

Ergo os olhos para Ren e dou início a um olhar-fixo-da-Frankie memorável. Os seus olhos são brilhantes, cinzentos como a névoa, do tipo que nos oblitera o mundo, mas a apenas alguns passos de nós, faz-nos questionar o que está em cima e em baixo. Muitas vezes, tive uma sensação inquietante de que me iria perder neles.

— Deixa que ele te leve — diz Willa. Ela sorri enquanto enfia os braços no casaco. Ryder surge atrás dela e ajuda-a a colocar o casaco nos ombros, apertando os seus braços de forma meiga e beijando-a no cimo da cabeça. Um gesto pequeno e íntimo carregado de tanto amor, que sinto ter visto algo que não devia ter visto.

— Posso estar um pouco enferrujada na geografia de LA — continua ela —, mas Hawthorne fica a caminho. Hoje, ficamos na casa do Ren, e ele também nos leva. Vai ser uma festarola na carrinha nova.

A minha atenção dirige-se a Ren.

— Compraste uma carrinha?

As bochechas de Ren ficam vermelhas, mas permanece firme.

— Sim, claro que comprei uma carrinha. Não há vergonha em ter um *Honda Odyssey*.

Willa pigarreia e faz um sorriso forçado enquanto os ombros de Ryder abanam com o que parece ser uma gargalhada. Ele esconde-a ao tossir para o punho.

Interpreto a postura de Ren como defensiva e sinto-me logo mal por abrir a boca. Isto acontece às vezes. Faço uma pergunta, e as pessoas ouvem... *mais* do que uma pergunta. Elas ouvem criticismo, julgamento ou provocação. Já desisti de tentar explicar que o meu cérebro não está apto para a subtileza, que não consigo falar com todas essas camadas de significado mesmo que quisesse, porque, muitas vezes, as pessoas não acreditaram em mim. Elas ouvem desculpas, em vez do contexto. Por isso, parei de tentar, e disse a mim mesma para parar de me preocupar quando sou mal interpretada.

Agora, só aqueles que me são mais próximos sabem qual é o verdadeiro motivo pelo qual a Frankie tem sucesso duvidoso com sarcasmo e piadas secas. Porque é que ela trabalha com cara de cabra e sem emoções, porque usa tampões para os ouvidos nos jogos e é fascinada de forma obsessiva com Harry Potter, gomas de cerveja preta, estatísticas da NHL, linguística, meias até ao joelho, roupa à base de cinzento, entre tantas outras coisas...

Autismo.

— Ohh! — diz Willa. — Eu escolho a música.

O riso-tosse de Ryder transforma-se abruptamente num gemido.

— Quando a Willa faz de DJ, gostava que os meus aparelhos não funcionassem tão bem... *au*.

Willa bate no estômago de Ryder a brincar e, depois, agarra-o pelo queixo e deposita um beijo firme nos seus lábios.

— Lenhador idiota. Estás só à procura de uma luta.

Ele sorri e coloca um braço à volta de Willa quando ela volta a pousar os calcanhares no chão.

— Talvez esteja.

Eles caminham à nossa frente, desejando boa noite ao resto da equipa e às suas famílias. Uma brisa suave surge quando eles abrem a porta e saem, e Ren aproxima-se de mim.

Com cuidado, ele retira a minha bengala do suporte da parede e, fazendo uma vénia exagerada, entrega-ma.

— O seu ceptro, minha suserana.

Sinto um sorriso raro nas minhas bochechas.

— Já ouvi rumores de que és um adorador secreto de Shakespeare, Bergman.

— Perceberam tudo errado. — Ele endireita-se e sorri. — Não há secretismo sobre isso.

Solto uma gargalhada que me surpreende, e o sorriso de Ren aumenta, mais brilhante do que o Sol da Califórnia ao meio-dia. Mas, pela primeira vez, aquele sorriso luminoso não incomoda nada esta rabugenta.